

COMO VÔO DE ANDORINHA: O GESTO NAS NARRATIVAS ORAIS DE VAQUEIROS DO SERTÃO BAIANO

Mônica Andrade Souza¹

Resumo: As narrativas orais dos vaqueiros dos sertões nordestinos, e mais especificamente do sertão baiano, são um elemento constitutivo da sua subjetividade e identidade. Traduzido sob uma gama de representações fundadas em múltiplos discursos, geralmente concebidos a partir de lugares de saber hegemônico, tais como a literatura, o cinema, que também se fundamenta na literatura regionalista produzida no Brasil ao longo do tempo, o vaqueiro teve sua voz silenciada, e os seus gestos estereotipados, tornando-se ao mesmo tempo uma espécie de ícone representativo da identidade sertaneja, e dos signos de nordestinidade no Brasil moderno e pós-moderno. Necessário se faz, então, que investiguemos mais a fundo os traços e os marcos da sua identidade a partir da interrelação entre gesto e voz, memória, linguagem e cultura, feita no contexto do presente, com pessoas, vaqueiros reais, atravessados pelas marcas da contemporaneidade. Como guia a nos conduzir durante o percurso que se anuncia traremos o aporte dos Estudos Culturais e dos estudos de Tradição Oral, entendendo que essa tradição também se constitui de uma mescla com outros elementos que lhe são únicos, tais como o aboio, a toada, e suas derivações no presente. Por pretendermos adentrar no universo dos sentidos, nos fundamentaremos nos pressupostos epistemológicos da Etnometodologia, abordagem sociológica que se interessa pelo modo como as pessoas fazem para organizar sua existência social (COULON, 1995) e que vê nos atos do homem comum, dentre esses o ato de narrar, uma forma de dar sentido,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: escosta@uneb.br.

através da linguagem, às ações cotidianas que fazem parte do seu ser e fazer.

Palavras-Chave: Narrativas orais. Vaqueiros. Sertão Baiano.

INTRODUÇÃO

As narrativas orais são um traço constitutivo da identidade cultural do vaqueiro dos sertões nordestinos. Ao longo do tempo foi se estabelecendo um senso comum que faz do vaqueiro alguém que é detentor de uma vasta e rica tradição oral, sendo esta uma marca privilegiada de sua expressão e da composição da sua identidade.

O encontro com as narrativas orais dos vaqueiros que se daria desde muito cedo no contexto da vivência cotidiana viria a ganhar o viés de pesquisa durante a realização do mestrado, no qual investigamos a influência dessas narrativas na permanência das práticas culturais dos vaqueiros do município de Andorinha (BA), realizada entre os anos de 2018 e 2019. Durante a realização do estudo nos chamou a atenção o jogo estabelecido entre o falar e o silenciar, bem como o jogo do corpo, atuando por vezes não como um coadjuvante da voz que narrava, apenas, mas como o protagonista onde as palavras não conseguiam dar conta da emoção e das cores que se queria emprestar ao evento narrado.

Trazemos, então, como desdobramento desse processo-descoberta o olhar mais apurado para os traços e os marcos da identidade do vaqueiro que se fortalecem a partir da interrelação entre gesto e voz, memória e linguagem, feita no contexto do presente, com pessoas, vaqueiros reais, atravessados pelas marcas da contemporaneidade e da pós-modernidade.

Acreditamos que isso se dará de forma mais significativa dentro do âmbito da cultura e da linguagem, a partir dos entrelaçamentos teóricos com o estudo e revisitação dos modos de

vida desses sujeitos, vistos como enfrentamento, ou travessia no contexto das transformações histórico-culturais que vem se operando no seu grupo social.

ESTRANHANEZAS E ASSOMBRAMENTOS — O CORPO ATRAVESSADO PELO OLHAR DO OUTRO

Iremos encontrar a descrição mais emblemática a respeito do corpo do vaqueiro em *Os Sertões*, do jornalista Euclides da Cunha. É lá que também vamos encontrar a primeira descrição detalhada do vaqueiro sertanejo, no que se refere à sua identidade, costumes, bem como à sua voz e à sua gestualidade, definida sob o olhar estrangeiro e assombrado do repórter como a clara representação da canhestrice. No relato do autor da famosa obra literária resultante do breve contato que travou com os vaqueiros que encontrara pelo caminho penoso até o cenário do famoso conflito, Euclides traz um verdadeiro pequeno tratado sobre a linguagem corporal do vaqueiro canudense, e por associação, dos sertões nordestinos.

Ao observar e descrever comportamentos cotidianos dos sertanejos-vaqueiros que encontrara pelos pousos, bem como dos “vaqueiros-jagunços” envolvidos na luta sangrenta, o escritor forjado nas bases do naturalismo francês, embora tenha sido sua obra inscrita no movimento de transição para o pré-modernismo brasileiro. Na literatura, a visão naturalista trazida por seu principal expoente, o autor de *Germinal* (1883), Emile Zola retrataria em cores vivas, dissecados, “as condutas, as paixões e os fatos humanos e sociais com o mesmo rigor que o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, ou de maneira semelhante ao fisiologista, que lida com os corpos vivos” (SOUZA, 2010, p. 4).

Ainda seguindo a cartilha naturalista, o autor faz a construção de um personagem, de um “tipo”, elaborado em oposição, em contraste com o homem, vaqueiro do Sul, o Gaúcho, mais gracioso, “inimitável [...] na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos [...]” (CUNHA, 1998, p. 121). O vaqueiro seria um tipo mais mal-ajambrado, ao mesmo tempo alquebrado e enrijecido pela natureza, com ela confundido, misturado a tantos outros entes e viventes da caatinga sertaneja.

Cunha, em variados momentos da sua narrativa, traz o corpo do vaqueiro como o portador da sua voz mais eloquente. Não se ouve a voz articulada, não se faz referência às falas e aos discursos do sujeito vaqueiro, quando o faz, evidencia que são “troca de duas palavras”, e que a conversa é “ligeira”, compreensão semelhante à de Graciliano Ramos com seu Fabiano, ou de Rachel de Queiroz, com Chico Bento. Seu corpo e sua gestualidade também estariam associadas à languidez e alheamento, debilidade, transmitidas aos seus fazeres cotidianos; triste, emudecido, gutural, o vaqueiro só se animaria quando em consorcio com o cavalo, ou nos ímpetos trazidos pela fome, ou pela violência.

Entretanto o autor vai, em variados momentos, quando descreve a prática da “vaquejada”, “a arribada”, os “sambas” e “cateretês”, os “desafios”, dentre outros folguedos aos quais concorriam os sertanejos nos intervalos entre trabalho e rezas, relatar as expansões verbais dos lidadores, ao partilharem entre si as “peripécias das vaquejadas ou famosas aventuras da feira” (CUNHA, 1998, p. 130).

O fato que nos chama a atenção, a partir dos relatos de Euclides da Cunha, é que estas foram percepções obtidas no curto período de três meses entre os quais o autor cobriu a Guerra. Sob as lentes do homem “civilizado” do Sul, que nos via, e vê ainda, como “humanos exóticos”, quase bichos, misturados, feitos de sol e poeira, produtos da fome e da seca, nossos corpos seriam tais

como a natureza mirrada e sofrida, antes do arborescer trazido pela próxima trovoadas.

Não sendo, entretanto, o escritor um antropólogo, e, tendo se dado sua observação, sem um método definido, de certa maneira, distante de uma “descrição densa”, semelhante ao modelo proposto por Geertz, por exemplo, precisaríamos, então, compreender quais referências, ou ausências delas, levaram o jornalista a escolher o prisma sob o qual enxergaria o vaqueiro sertanejo.

No entanto, não se pretende nesta pesquisa abordar tão somente o olhar euclidiano sobre o vaqueiro naquele intercurso tão grave ocorrido no fim da Guerra. Pretende-se, junto aos vaqueiros do presente, descendentes dos primeiros a palmilharem os sertões da Bahia, de Pernambuco e demais estados que compoem as plagas caatingueiras, traduzir em letra escrita os significados partilhados a partir das composições entre gesto e voz, entre corpo e palavra, som e silêncio.

UM CORPO QUE NARRA

Para o vaqueiro, considerado pela maioria como um sujeito iletrado, o ato de narrar, em uma sociedade dominada pela escrita, ganha sentido no campo dos afetos. É mais que o desejo, a necessidade de permanecer, em um mundo que já lhe enxerga como figura anacrônica, simbólica, apenas. Através do reviver, inclusive com seu corpo as vivências mais marcantes e profundas, que moldaram quem ele é, sua subjetividade, sua forma de se perceber e estar no mundo o vaqueiro vai encontrar no universo das histórias que conta, um refúgio contra o esquecimento, ou contra o que Ricoeur (2007) chamou de “apagamento dos rastros”.

Compreendendo que o corpo do vaqueiro por vezes pode ser mais eloquente que a sua voz, e que a sua linguagem corporal é um elemento importante a compor o universo de sentidos com os quais narra o seu cotidiano, pretende-se trazer o aporte dos estudos que emergem no campo da Linguística de Saussure retomada por Émile Benveniste (1970) para abordarmos o gesto enquanto *signo*, no sentido de que o gesto como manifestação da linguagem, assim como a fala, “faz renascer pelo discurso a experiência do acontecimento [...] para o ouvinte, recria a realidade” (BENVENISTE, 1970, p. 26).

Os vaqueiros tem se utilizado dessa ferramenta de recriação do passado, com a valorização da memória, seja através do ato de contar e recontar as histórias do tempo de antes, quando “caatinga, caatinga mesmo” ainda havia, seja nas verdadeiras epopeias em que se transformam seus aboios e toadas, e que atuam na composição das diferentes formas de expressão da cultura deste grupo social.

Para adentrar na inter-relação entre as narrativas orais, os gestos e a composição da cultura inerente ao grupo ao qual nos fundamentaremos nos trabalhos de Giraud (1994) para abordar os signos não-linguísticos envolvidos nas escolhas conscientes ou inconscientes dos sujeitos comunicantes.

Zumthor (2002) nos guiará pelos caminhos da Tradição Oral e da união entre corpo e voz ao nos ancorar quanto ao conceito de *performance* composta de gestos ancestrais e de expressões que vão além da fala, assumindo aqui o significado mais geral para o termo, ou seja, assumiremos a performance como algo que “se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual” (ZUMTHOR, 2002, p. 38).

A imagem do Narrador de Walter Benjamin (1991) não poderia deixar de ser evocada ao falarmos da permanência das narrativas orais e destas como um elemento que ajuda a manter,

ainda que ressignificada, ou reestruturada, o que o autor chama de “cadeia da tradição” na contemporaneidade. Assumiremos no presente trabalho o ponto de vista do autor que vê a narrativa oral como uma “forma artesanal de saber que está em vias de extinção” na sua forma mais orgânica, ou seja, transmitida de pessoa para pessoa sem outros aparatos ou sofisticções que são trazidas pelas mediações técnicas, a começar pela escrita, por exemplo, mas que, ainda no presente representa um papel importante no sentido de estabelecer uma coesão no interior dos grupos ou comunidades:

A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. Nisto, as narrativas são utilizadas, acima de tudo, para caracterizar as comunidades e os indivíduos e para transmitir suas atitudes.

Assim, através dos pequenos relatos, narrativas de façanhas, ou das anedotas familiares, vínculos afetivos são estabelecidos neste processo, no encontro dos membros mais jovens de uma comunidade com os mais velhos do grupo; estes, ao assumirem a tarefa de resgatar as sagas familiares, ajudam a estabelecer um “lugar de onde viemos”, dando a oportunidade de uma determinada conhecer as bases que estabelece também o “quem nós somos”.

Nesse sentido Stuart Hall (2005) nos faz refletir sobre o conceito de identidade como um conceito que não fixa o sujeito a esse lugar, ou essa compreensão de indivíduo permanentemente vinculado à identidade do grupo, ou dos antepassados, nos levando a problematizar como as transformações que acontecem no interior da cultura no contexto da pós-modernidade não impedem

que esses sujeitos estabeleçam um senso de pertencimento ou, melhor de *identificação*, com o contexto no qual está imerso:

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (HALL, 2005, p. 105).

Torna-se significativo, então observarmos se o vaqueiro reflete sobre o ato de narrar, se quando o mesmo conta uma história diante de seus companheiros ou diante do curioso, do pesquisador, o mesmo toma consciência dos recursos que pode empregar para tornar sua descrição da experiência, seu relato dos fatos mais vivo, ou mais impressionante, e como o faz, e, se tem uma compreensão, mesmo que latente do caráter coesivo envolvido nesse processo. Do mesmo modo, é importante que nos interroguemos a respeito dos elementos identitários que entram na tessitura dos atos narrativos dentro do grupo social representado pelos vaqueiros andorinhenses, olhando para outros elementos que entram na composição dessas narrativas, principalmente para a junção entre corpo e voz, e como isso é recebido por quem ouve, “vê” essas histórias que ajudam a criar e recriar a sua teia de significados, bem como o que esses significados representam no panorama histórico-cultural atual.

BREVES CONSIDERAÇÕES-POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Os estudos com as narrativas orais de vaqueiro ainda são muito incipientes, fazendo-se necessária uma descrição mais aprofundada dos significados que estas ganham nos contextos onde são produzidas, coisa que só se torna possível com uma imersão mais profunda nesse universo da voz e do gesto, levando-

se em consideração as permanências e ausências no campo da cultura dos vaqueiros sertanejos.

Pouco se ouviu da voz desses sujeitos ao longo da história, fazendo com que houvesse um silenciamento a eles imposto, primeiro por sua condição de “assujeitamento”, como agente da colonização dos sertões, depois pelas diversas estereotipizações trazidas pelas tentativas de transformá-lo em um dos ícones da cultura nordestina.

Acreditamos também que o presente estudo será um contributo para o universo das pesquisas em torno da voz, e das narrativas orais, em sua intersecção com o universo da cultura, ainda tão carente quando se trata de falar a partir da ótica dos silenciados da história. Então se torna mais que necessário irmos ao encontro das suas vozes e dos seus gestos, que estão, de certa forma, introjetados na nossa própria identidade de sertanejos, e, de brasileiros.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENVENISTE, Emile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUIRAUD, P. *A linguagem do corpo*. São Paulo: Ática, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*, v. 1. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de Souza. O naturalismo de Euclides da Cunha: ciência, evolucionismo e raça em Os Sertões. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7, Ano VII nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.